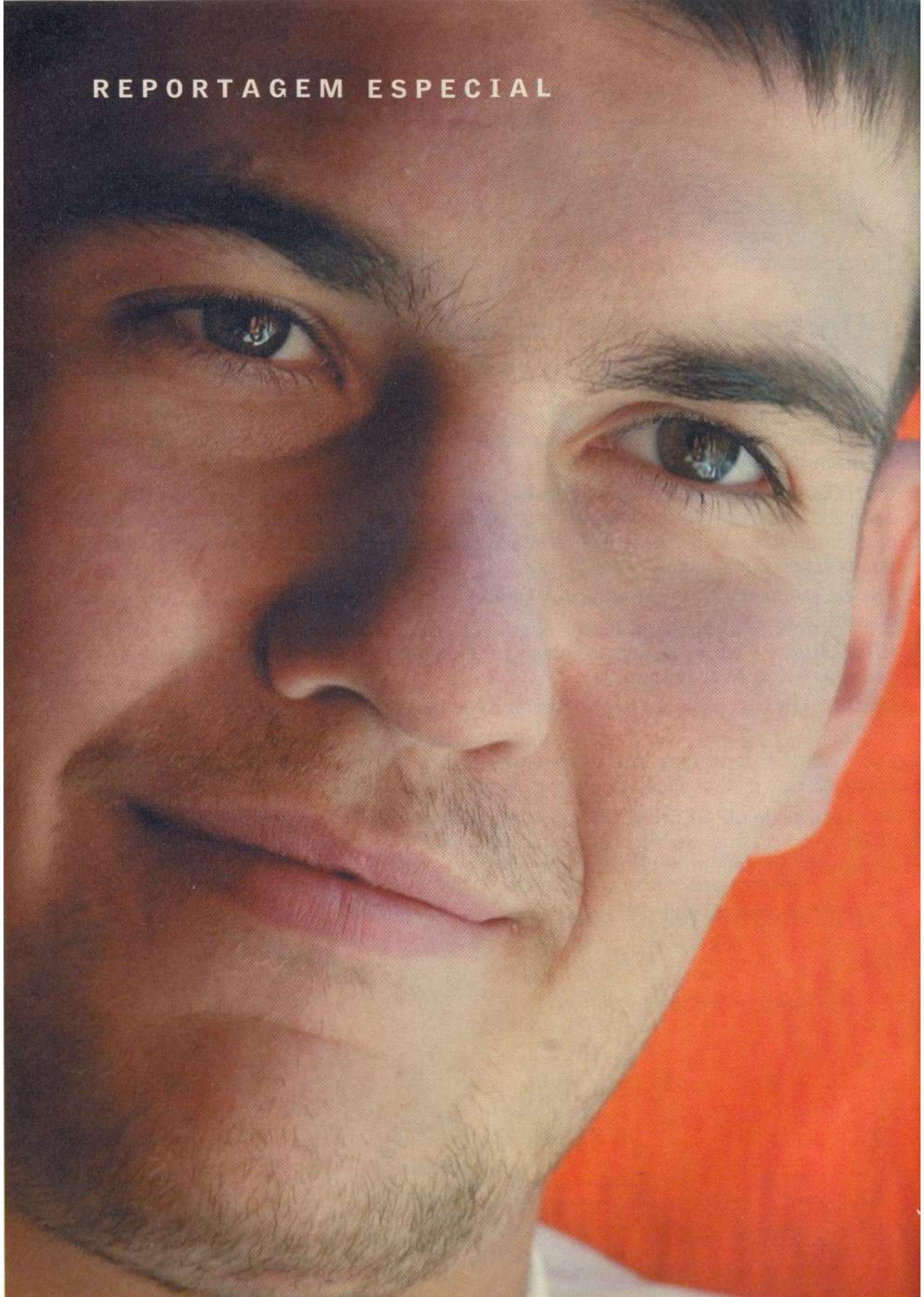


REPORTAGEM ESPECIAL



O estudante Matthew Scott conta como fugiu de seqüestradores e relata sua jornada de 12 dias para sobreviver

Perdido na selva

POR MATTHEW SCOTT

SEGUNDO RELATADO A PETER FOSTER E CAROLINE DAVIES

"Sinto muito, *señor*", disse o rapaz na agência de turismo à beira-mar em Santa Marta, Colômbia. "A excursão partiu meia hora atrás." Acontecera novamente! Eu já era famoso por perder minhas conexões. Conseguira até

mesmo perder o avião que me levaria para a América do Sul no início de minha viagem de um ano, antes de começar a frequentar a universidade. Agora, depois de sete meses longe de casa, estava ansioso para voltar à minha família em Londres e começar o curso de engenharia. Mas, antes de partir, planejara mais uma aventura, uma jornada de seis dias na floresta, para ver as ruínas da Cidade Perdida. Seria o final perfeito para aquela viagem – **a não ser pelo fato de que eu acabava de perdê-lo.**

MAS, APESAR DISSO, não desistiria. Disparei de volta a meu albergue de três libras por noite, determinado a alcançar a excursão ao anoitecer. Atulhando apressadamente um par de botas de cano longo pretas, uma garrafa de água e uma velha camiseta malcheirosa dentro de uma mochila surrada, corri atrás de um ônibus que me levasse em direção ao acampamento-base. Em minha mente, a Cidade Perdida, que datava de 500 a.C. mas só fora descoberta em 1976, era um roteiro obrigatório. Embora houvesse vários grupos terroristas atuando na área, não pensei que estivesse fazendo nada arriscado. Havia conversado com muitos outros viajantes que tinham estado lá.

O ônibus parou numa pequena aldeia indígena e um guia local concordou em me levar até o acampamento. À medida que escalávamos o caminho escarpado, eu ficava impressionado com a beleza das montanhas. Seus íngremes declives eram recobertos por densas florestas e atravessados por rios e correntes. Meu guia disse-me que o rio maior, o Buritaca, era a principal rota para a Cidade Perdida.

No acampamento, senti-me aliviado ao encontrar os outros membros do grupo. Eu era o mais jovem; os restantes achavam-se todos no meio da casa dos 20 ou mais: Mathijs, um bom jogador de xadrez da Holanda; Reinhilt, uma garota alemã louca por escaladas, e meia dúzia de israelenses. Disseram-me que havia outro grupo de excursionistas num acampamento próximo, ao qual poderíamos nos juntar.

Naquela manhã eu havia conversado com um vendedor de sorvetes sobre a visita à Cidade Perdida. Ele tinha dito que não valia a pena o esforço. Mas naquela primeira noite, quando marchamos em grupo para nadar num rio com cachoeira, eu soube que ele estava errado.

Mantive-me de pé acima da piscina natural, observando a floresta – sentindo a energia –, e então pulei. Por um segundo fiquei suspenso no ar e logo mergulhei na água gelada. Estava muito fria. Mas eu me sentia bem. As coisas iriam finalmente se organizar. Eu alcançara a excursão, completaria essa última viagem, depois iria para casa. A vida era maravilhosa.

Captura

“Acorde!” A palavra fora dita em espanhol. Seguiu-se um cutucão em minhas costelas com a coronha de um rifle; não rude, mas insistente. A voz disse mais alto: “Acorde! Acorde!” O que estava acontecendo?

Eu podia ver dois homens de uniforme, com bonés de camuflagem, jaqueta preta de artilharia antiaérea e coldres com pistolas. Cada um deles carregava uma arma maior atravessada no peito e remexia nossas mochilas. Olhei de relance para meu relógio digital barato: 5:09 da manhã.



De repente, eu estava de pé e alerta. Vesti minhas roupas em exatos dois segundos. Meu primeiro pensamento foi: *É um assalto*. Então vi os sujeitos amarrarem o guia e o carregador, que não protestaram.

A despeito disso, todos permaneceram calmos. Era surreal. Havíamos conhecido uns aos outros nos dois últimos dias, caminhando ao longo do rio, dormindo ao som de grilos, sapos e água corrente – “A sinfonia de Deus”, dissera alguém. Sentíamos-nos unidos. E naquele momento estávamos sendo seqüestrados.

Fomos reunidos no centro de uma roda e os intrusos perguntaram nossa nacionalidade. Troquei uma palavra com o guia da excursão em meu espanhol passável. Achei que ele devia conhecer os grupos paramilitares locais.

– Estamos com um problema? – perguntei.

– *Ningún problema* – ele me garantiu.

Estava mentindo, claro, mas aquilo fez com que eu me sentisse melhor. Peguei minha mochila, e os dois homens armados nos conduziram encosta abaixo, em direção ao outro acampamento de turistas. Conjecturei se poderia continuar, afastando-me em linha reta da Cidade Perdida, e encontrar o caminho de onde viéramos. Mas, quando alcançamos o segundo acampamento, havia outros 16 ou 17 homens circulando com metralhadoras. A essa altura, entendi que podia estar em dificuldades.

Agora ou nunca

No segundo grupo havia outro inglês, Mark Henderson, um produtor de TV de 31 anos que eu conhecera na noite anterior. Tínhamos muito em comum, uma vez que éramos ambos da mesma área do sul de Londres. Quando os guerrilheiros nos dividiram em dois grupos, dei um jeito para ficar com Mark.

Éramos oito ao todo, incluindo a alemã Reinhilt, um espanhol com pesado sotaque do País Basco e quatro israelenses. Mandaram que enchêssemos nossas garrafas de água, e então, acompanhados por oito guardas armados, recebemos ordem de avançar. Eram cinco e meia da manhã.

Nosso curso nos fazia penetrar na floresta, para longe da Cidade Perdida. Um guerrilheiro nos liderava e outro cobria a retaguarda; o restante mesclava-se à coluna, que logo se estendeu desordenadamente.

A floresta era densa e exuberante e tínhamos de nos agarrar às trepadeiras para não escorregar no caminho enlameado. Alcancei o guerrilheiro que



nos conduzia, tentando entabular uma conversa. A princípio, ele contou que pertenciam ao Exército colombiano e estavam nos afastando de bandidos; retornariam a Santa Marta no dia seguinte. Por fim, admitiu que estávamos a dois dias de caminhada de um acampamento onde seus chefes decidiriam o que fazer conosco.

O sequestro é uma indústria crescente na Colômbia. Pelo menos três grupos operavam na área da Cidade Perdida.

Depois de caminhar por quatro horas, todos estávamos cansados. O sol batia no topo da floresta, provocando o calor e o vapor que logo se transformariam em chuva, que cai, com a precisão do mecanismo de um relógio, todas as tardes.

Finalmente, os guerrilheiros fizeram uma parada e cada um de nós recebeu uma fatia de queijo fundido e *panella* – um derivado de mel compactado num grosso disco, com abelhas sepultadas em seu interior. Era praticamente impossível comer aquilo, mas tentei ingerir o máximo possível à medida que o alimento circulava, partindo pequenos pedaços para colocar em minha garrafa de água. Ao menos deveria me dar energia.

Depois que havíamos comido, a marcha recomeçou. Em breve, cruzamos o limite da floresta, deslocando-nos através de um cenário coberto por pequenos arbustos, com rochas sobressaindo-se da lateral da monta-

na. Alguns dos membros mais fracos começavam a ressentir-se da caminhada. Ouvi dois israelenses atrás de mim queixarem-se aos guardas: “Não queremos prosseguir. Para onde vocês estão nos levando?”

Não consegui ouvir o que os guardas responderam, mas quando me virei, um deles apontou a arma em minha direção. A mensagem era clara: continue andando.

Fora isso, não houve nenhum problema com nossos captores. Não nos empurraram ou chutaram. Passáramos os últimos dois dias caminhando pelas montanhas com guias e aquilo não era muito diferente. A não ser pelo fato de que agora os guias empunhavam armas.

Pouco depois do meio-dia, paramos uma segunda vez quando começou a chover. Cada um de nós recebeu um pedaço de plástico para manter-se ao abrigo da umidade. Havia também magras rações, uma minibarra de chocolate e pedaços de goiaba.

DE REPENTE, MEU PÉ CEDEU E ME vi caindo, rolando e agarrando raízes. Devo ter despencado mais uns 15 metros.

Os guardas eram meticolosos em recolher as embalagens de chocolate, e as pessoas fizeram comentários a esse respeito: “Que bom que eles não querem encher de detritos a encosta da montanha.” Mas Mark e eu percebemos que não se tratava disso – eles não queriam que o grupo fosse rastreado. À medida que subíamos as montanhas, discutíamos nossa situação. Havia duas possibilidades. Primeiro, esconder-nos na floresta até que a coluna houvesse passado, então refazer a trajetória na direção da Cidade Perdida e de Santa Marta. Havia o risco, entretanto, de encontrar mais guerrilheiros no caminho. A segunda opção era seguir um rio montanha abaixo, até que ele se conectasse ao Buritaca, que nos reconduziria a Santa Marta.

– Vamos agora – eu disse.

– Acho que não é uma boa idéia.

– Ora, a gente consegue. Estamos em melhor forma do que os outros.

Mark fez que não com a cabeça.

– É muito arriscado.

Era evidente que havia riscos – perder-nos ou sermos capturados. Mas eu estava confiante de que não seríamos mortos. Reféns são mais valiosos vivos, e os guerrilheiros pareciam desmoralizados.

Era uma da tarde, e logo a chuva estaria tão forte que teríamos de parar. A janela da oportunidade estava se fechando.

Quando nos pusemos a caminho, eu fervia de ódio. Não podia suportar o pensamento de passar meses na floresta enquanto minha vida se mantinha em suspenso. Meu vôo para a Inglaterra seria dentro de cinco dias. Eu planejava ir para casa encontrar minha família e, depois, para a universidade. Não queria que aquelas pessoas arruinassem tudo.

Tomei uma decisão – seguiria o curso fluvial de volta a Santa Marta. Após alertar Mark e os demais, encontrei um ponto na fileira em que não podia ser visto por nossos seqüestradores. Ouvia o rio à minha direita.

Não podia esperar mais.

Sozinho

Lancei-me impetuosamente para o lado direito da estreita senda, a espessa camada de névoa e chuva forte ajudando a ocultar minha partida. Achei que se passaria meia hora antes que dessem pela minha falta.

Apesar disso, à medida que deslizava, como num escorrega, pelo declive escarpado, sentia medo de ter sido visto e seguido. Arrastei-me apressado em meio ao monte de rochas e raízes soltas de árvores, galhos afiados como lâminas lacerando meus braços desprotegidos; meus pés deslizavam metidos nas botas de cano longo. Por fim, detive-me. Era hora de me abastecer. Tirei do ombro a mochila e avaliei de que coisas ali dentro precisaria. A mochila tinha furos – eu levava séculos tentando costurá-los – e, ainda que deixasse meus braços livres, inibia boa parte de meus movimentos. Portanto, decidi deixá-la para trás. Também joguei fora a garrafa – uma vez que meu plano era seguir o rio, calculava que teria um suprimento regular de água potável.

Resolvi manter uma lanterna, a meia sobressalente que continha meu cartão bancário e o pedaço de plástico, que era essencial – minha única proteção contra a chuva e o frio. Dobrei-o e o enfiei em uma das botas. Coloquei a meia na outra e a lanterna no bolso da calça. Aquilo me deixava somente com a roupa do corpo: uma camiseta, calça, sunga e meias.

Movi-me rapidamente, ainda achando que poderia estar sendo perse-



O equipamento de Matthew, incluindo um pedaço de plástico, "o abrigo contra a chuva e o frio".

guido. De repente, meu pé ce-
deu e me vi caindo, rolando
repetidas vezes, agarrando
loucamente trepadeiras e raí-
zes enquanto tentava me firmar. Devo ter despencado uns 15 metros.

Grato por não haver quebrado nenhum osso, continuei. O declive era agora perigosamente íngreme. Virei-me de frente para a rocha e comecei a descer, procurando apoios para as mãos e os pés. Não era fácil com as botas de cano longo, mas as trepadeiras nas árvores em geral eram úteis. Então, uma delas partiu-se e caí, batendo com o maxilar numa saliência de rocha. Sangrei bastante.

Continuei por duas horas e, quando escureceu, deitei-me na encosta, enroscado no pedaço de plástico. Mas não consegui dormir. Estava muito úmido e frio e os pensamentos disparavam em minha mente: *Como sobreviveria na floresta? Quanto tempo levaria para encontrar o caminho de volta ao longo do rio até Santa Marta?*

Pela manhã, localizei o riacho que ouvira da senda lá em cima. Ali, minhas botas de cano longo entraram em seu elemento. O trajeto mais rápido através da floresta era caminhar junto ao leito do rio, mas mesmo ali a vegetação cobria tudo.

Por vezes, eu acabava de quatro, rastejando ao longo da correnteza para passar sob árvores caídas que bloqueavam o caminho. Será que deveria me embrenhar na floresta para encontrar uma descida mais fácil? Ou escalar as pedras molhadas? O frio e a umidade eram meus principais inimigos num vale tão profundo que o calor do sol não conseguia penetrar. Minha teoria era a de que o rio logo se curvaria para a direita para juntar-se ao Buritaca, que me reconduziria à costa.

Eu tentava pensar positivamente. Poderia fazer o percurso de volta em uns dois dias, calculava. Tinha absoluta certeza de que ficaria bem.

"Amanhã encontrarei o rio"

Naquele primeiro dia, estabeleci uma rotina que segui por quatro dias. Acordando às cinco e meia da manhã – meu relógio me mantinha controlado –, caminhava duro até as oito, então subia a escarpa do vale com o propósito de encontrar um pouco de sol. Permitia-me uma hora de descanso para me aquecer e em seguida mergulhava de volta na obscuridade do vale.

Enquanto me arrastava ao longo do rio, entoava canções, na maioria tristes, forçando-me a manter o passo no ritmo da melodia. Embora não houvesse comido nada, não estava com fome. Sente-se fome quando há comida disponível, e ali não havia nenhuma. Não havia grãos, frutos ou animais selvagens, a não ser pássaros, que eu não conseguia capturar.

Os únicos seres à disposição eram os besouros. Os enxames de mosquitos me deixavam enlouquecido, ainda que, por sorte, naquela parte da Colômbia não houvesse malária. Após certo tempo, aprendi a lidar com eles por meio de um jogo – vendo quanto tempo conseguia resistir matando-os. Outro inseto maior tinha a picada ainda mais forte. Sempre que um daqueles chupadores de sangue pousava em mim, eu o capturava e espremia seus sucos sobre a língua – tinham um sabor doce que eu nunca esquecerei.

Mais tarde, arranquei a casca do fermento em meu queixo e a comi. Aquilo devia ter algum valor nutritivo.

Todos os dias, às duas da tarde, a chuva chegava – torrencial e implacável. Era impossível continuar a caminhar, então eu ia dormir, enroscado embaixo de meu pedaço de plástico. Mantinha-me em posição fetal, tentando criar um casulo de calor, mas era tão úmido dentro quanto fora dele. Quando a chuva parava, se parava, estava escuro como breu. Minhas

noites na floresta duravam cerca de 15 horas. Eu simplesmente permanecia deitado, tentando dormir, escutando o zumbido dos mosquitos, o coaxar dos sapos e a incessante precipitação da água. Às vezes, pensava que tais noites nunca acabariam.

No quinto dia, não podia mais me enganar. Sabia que deveria ir para o norte, mas concluíra, pela posição do sol, que o rio me levava para sudoeste – penetrando mais fundo na floresta. Estava claro que eu não encontraria o Rio Buritaca naquele dia ou em qualquer outro. Estava seguindo o curso fluvial errado e irremediavelmente perdido. No dia seguinte, encontrava-me no fundo do poço. Àquela altura, de fato arrependi-me de ter fugido e teria voltado para meus captores de braços abertos. Não vira um sinal de vida sequer em quase uma semana – o provável era que eu me achasse em local onde nenhum ser humano estivera antes. Outra semana como aquela e eu decerto morreria. Estimei em 50% minhas chances de sobrevivência na ocasião.

Ainda que não houvesse muita esperança, continuei caminhando. Pensava na família e nos amigos em Londres e em todos os planos que havia feito, como ir para a universidade. Eu realmente não queria perder o início das aulas, mas tudo aquilo parecia existir num mundo diferente.

No intuito de me forçar a prosseguir, tomei algumas decisões. Se saísse daquela situação, prometia apreciar cada segundo de minha vida. Jurei que me lembraria que cada refeição é um luxo que muitos não têm. E prometi a mim mesmo que seria mais aberto e honesto com todos, em especial com minha família.

Sobrevivência

Era impossível dormir mais de uma hora por noite. E, àquela altura, o frio e a falta de alimentos começavam a me provocar alucinações. Uma vez, imaginei que poderia dirigir-me à loja na esquina e alugar um cavalo para sair da floresta. Por que, em nome de Deus, eu não tinha pensado naquilo antes?

O tédio me fazia fantasiar e eu suplicava por comida e calor. Imaginava-me entrando num restaurante e pedindo sopa, talvez de tomate. E queria uma batata assada, com um pouco de manteiga, muito sal e uma imensa quantidade de queijo. Aquilo era muito importante. E o queijo tinha de ser *cheddar*. E, para completar, *chutney*. Não pickles, *chutney*.

Eu fantasiava a respeito de comida todas as noites. *Quando voltar para casa*, disse a mim mesmo, *vou aprender a cozinhar*.

Eu procurava não olhar para o relógio, pois isso fazia com que o tempo passasse ainda mais devagar.

Decidi abandonar o leito do rio e me dirigir para as montanhas. No sétimo dia, comecei às cinco e meia, como de costume, mas me sentia tonto e fraco – a subida cobrava seu preço. Então, miraculosamente, topei com uma trilha que cortava o vale; havia um acampamento, ou algum tipo de construção, lá embaixo. Era um completo milagre. Embora fosse ateu, caí de joelhos e agradei a Deus. Não sabia o que mais fazer.

O acampamento consistia em uma pequena plataforma com quatro traves para uma rede contra mosquitos e, na quinta trave, um pacote vazio

Deixá-los partir foi provavelmente a pior decisão que eu tomara na vida. Pensei:

"EU SOU UM COMPLETO IDIOTA."

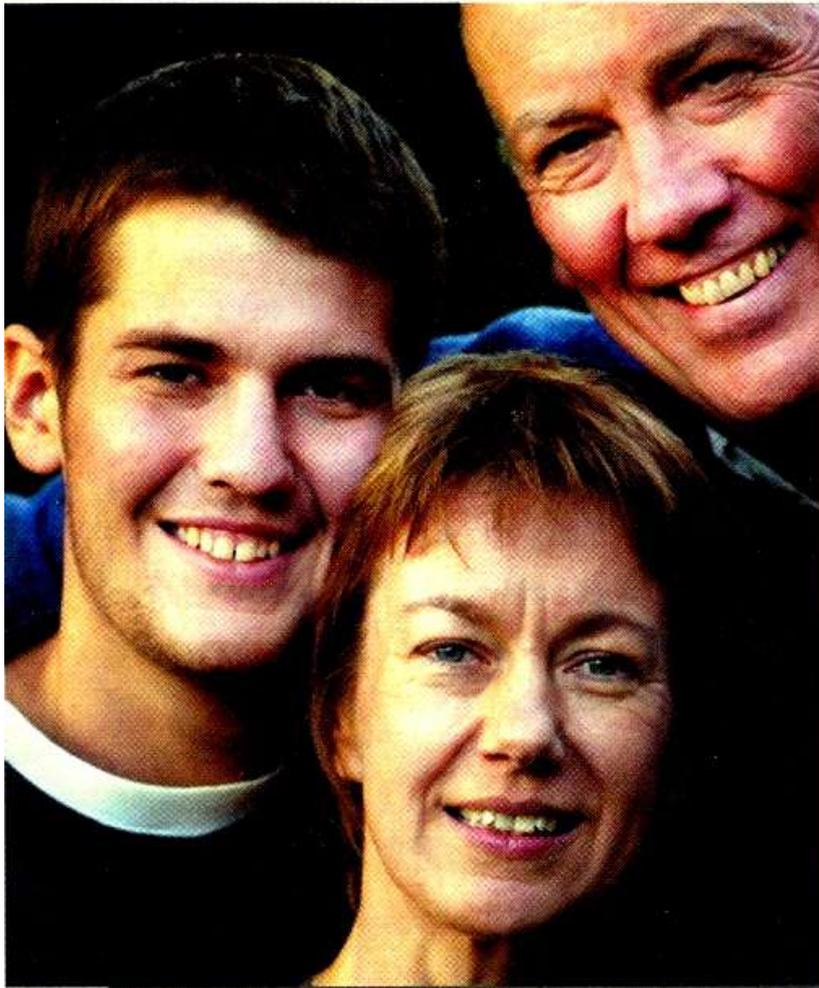
de ervilhas com cenouras. Senti-me tão feliz... Era o primeiro vestígio de humanidade com que deparava.

Mas quando a trilha elevou-se novamente, consegui dar somente mais dez passos sem ter de sentar e descansar. Completei apenas metade do caminho montanha acima antes do dilúvio das duas da tarde.

Aquela “noite” foi de longe a pior. Além de encontrar-me numa encosta escarpada, o que provocava dores incômodas por causa da pressão, havia a tempestade tropical com raios e trovões ininterruptos. A chuva machucava. Cada vez que mudava de posição, o plástico e eu resvalávamos encosta abaixo.

Como não estava mais próximo ao rio, não dispunha de água potável. Eu vinha usando a parte da frente de minha lanterna como copo. Embora o líquido escorresse ao redor da lente, eu conseguia uma razoável quantidade de água do rio, se a bebesse rápido o bastante.

Mas a extremidade da lanterna não era de muito uso naquele momento. Eu precisava pensar em um jeito de conseguir captar um pouco da água que despencava ao meu redor. Retirei as botas e coloquei umas varetas no alto



"Gritamos, felizes, quando o vimos, mas eu estava chorando", diz Kate Scott, com Matthew e o pai, James.

dos canos, para mantê-los abertos. Mas, na primeira escorregadela do meu corpo, derrubei as botas. Depois, resolvi posicioná-las acima de onde eu estava, e elas colheram alguma chuva.

No dia seguinte, ouvi um som maravilhoso, produzido pelo homem. O pulsar de helicópteros distantes. De repente, um deles veio em minha direção. Estava uns 50 metros acima de minha cabeça. Certamente procuravam por mim. Acenei, pulei e joguei para o alto meu pedaço de plástico. Eles não me viram. O som morreu na distância.

No décimo dia sentia-me tonto e enjoado, caindo com frequência à medida que forçava a

marcha montanha acima. Meus pés estavam doloridos e nitidamente infectados. Eu estava preocupado por utilizar minhas botas de cano longo para recolher a chuva à noite. Mas eu precisava beber e, durante o dia, sorvia regularmente a umidade da meia sobressalente na bota.

Alcansei uma cadeia de montanhas que se estendia acima de um vale amplo. Podia divisar formas esverdeadas e irregulares esculpidas, destacando-se na floresta abaixo – sinais de atividade humana. Meu coração deu um salto. Terra cultivada significava habitantes permanentes, quase certamente índios.

Deparei com uma cabana abandonada, contendo panelas, uma garrafa de água e uma abóbora. Havia também algumas batatas estragadas – a primeira comida com que deparava. Senti-me tentado a comê-las, mas decidi não fazê-lo. Eu sabia que, quando ficam muito velhas, as batatas tornam-se verdes e criam uma toxina que não me faria nenhum bem.

Vou encontrar gente amanhã, disse a mim mesmo. Tinha de encontrar.

Um trio bem-vindo

Na manhã seguinte, contornei uma curva e parei assombrado. À minha frente havia dois jumentos, que se afastaram quando me aproximei. Então, avistei cinco vacas ao lado de um caminho que conduzia a duas amplas casas rodeadas por uma cerca de vegetação espessa.

“*Hola!*”, gritei. Não houve resposta. As casas estavam abandonadas. Eu mantinha minhas emoções sob controle. Fiz uma retrospectiva de minha vida, pensando em como tinham sido fáceis aqueles 19 anos. Pensar que eu podia simplesmente descer a rua e comprar Coca-Cola. Que havia passado todas as noites de minha vida numa cama. Que costumava ingerir boa comida, porções de carne com arroz e legumes. E agora ali estava eu, face a face com o esforço que as pessoas simples precisam fazer para obter alimento da terra.

Esses eram meus pensamentos quando, de repente, vi três silhuetas caminhando em minha direção. Eram índios: um homem, uma mulher e uma menina. Puxa, como fiquei feliz!

Eles estavam surpresos em me ver. Felizmente, falavam um pouco de espanhol. “Olá! Não como há 11 dias... Estava perdido.” Tentei explicar que havia sido seqüestrado e escapara.

Ofereci-lhes dinheiro para me conduzirem a Santa Marta. Informaram-me que levaria três dias. Deram-me *panella*, que comi com avidez, e bebi muito da água que traziam. Então, disseram-me para esperar enquanto recolhiam seus jumentos.

Depois que partiram, à medida que permanecia deitado sob o sol, senti um medo terrível. Eu nunca deveria ter permitido que os índios saíssem de minha vista. Aqueles haviam sido os primeiros seres humanos que avistara em 11 dias, e eu os deixara ir. Naquele momento, não tinha idéia se os veria de novo. “Sou um idiota”, disse. “Um completo idiota.” Deixá-los partir poderia ter sido a pior decisão que tomara na vida.

O resgate

Para meu alívio, os índios voltaram. Pusemo-nos a caminho de sua aldeia, forçando a marcha, e eu lutava para prosseguir. Perguntava “Já estamos chegando?” uma vez após outra, feito criança. Ao contrário dos paramilitares, que sempre diziam que a próxima parada estava a “uma hora” de distância, os índios foram cruelmente honestos: a aldeia ainda se acha-

va a vários quilômetros. Quando a chuva começou a cair, tornou-se óbvio que eu não conseguiria ir tão longe. No momento em que alcançamos duas cabanas ocupadas por uma índia chamada Oonca e seus filhos, eles finalmente concordaram em fazer uma parada.

Oonca levou-me para dentro de uma cabana com fogueira. Foi glorioso. Pela primeira vez em 12 dias, comecei a secar. Desabei sobre uma rede e deram-me duas laranjas, meu primeiro alimento sólido. Então, enquanto os outros avivavam o fogo, mergulhei num sono sem sonhos.

“Vamos! Vamos! Vamos!” A ordem mal era audível acima do barulho do rotor. O helicóptero do Exército colombiano aterrissou e fui içado para bordo por dois soldados. A porta ainda estava aberta quando o helicóptero girou sobre a floresta na direção de Santa Marta. Naquela manhã, depois de mais três horas de dura caminhada na retaguarda dos índios salvadores, deparara com a aldeia de Don Diego. E então, após 12 dias na Serra Nevada, minha provação chegara ao fim.

No hospital em Santa Marta, estenderam-me um celular. Meu pai atendeu o telefone em casa, em Clapham, e eu disse:

– Alô, grande homem, como estão as coisas?

– É Matt! – ele gritou. Eu podia ouvir minha mãe chorando ao fundo.

Quando pegou o aparelho, perguntou-me o que eu ia querer quando chegasse em casa.

– Uma batata assada – falei. – Com um monte de queijo e *chutney*.

ESPERA INUSITADA

Vistos de longe, os aviões que decolavam de um pequeno aeroporto pareciam raspar a cerca nos limites da pista. Aquilo daria uma foto excelente, pensei. No dia seguinte, procurei uma posição favorável e deserta junto a uma parada de ônibus e preparei a foto. No entanto, tendo ainda uns dez minutos antes de o avião decolar, guardei a câmera na sacola de compras e fiquei esperando. Nesse instante um carro parou, uma mulher debruçou-se na janela e disse:

– Estou indo para Tesco, se quiser carona nessa direção...

– Não, obrigada – respondi. – Estou esperando um avião.

